



PRIETO, Heloisa. **Ian: a Música das esferas**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015. (Para morrer de medo).

## MÚSICA DAS ESFERAS NA LITERATURA JUVENIL

Dayse Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará  
dayse.rodrigues@ifpa.edu.br

Literatura de fantasia ganhou espaço mundo afora entre adultos e crianças nas últimas décadas, mas muitas delas foram minimizando aspectos “duros” da vivência humana. É como se quisessem manter ou proteger a suposta inocência juvenil. Nesse ínterim, muitos escritores viram espaço para tratar até mesmo desses temas. Muitas produções literárias “abordaram então todos os temas tradicionalmente silenciados pelos adultos para salvar a mitificação da inocência” (COLOMER, 2017, p. 193) de um jovem leitor. Entendemos, assim como Teresa Colomer (2017), que “o conflito [é] uma parte inevitável da própria vida” (p. 193) e não poderia estar fora da Literatura, independentemente da idade dos leitores. Ressaltamos que partimos de nossa dissertação de mestrado intitulada *Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas: de mãos dadas com o jovem leitor* (2020), para ampliar as discussões a respeito da obra resenhada.

Potencialmente voltada para o público juvenil, *Ian: a música das esferas* (2015) é a obra que dá sequência à *Lenora* (2008), ambas da brasileira Heloisa Prieto. Publicada pela editora Rocco: Jovens leitores, Para morrer de medo, em 2015, *Ian: a música das esferas* (2015) contém 125 páginas, 50 capítulos curtos com vinhetas alusivas à cultura celta, criadas por Ricardo Cunha Lima, o também criador das capas. O enredo está centrado num novo olhar sobre o protagonista Ian Yates, músico genial da banda Triaprima, criada em 1970 com os parceiros Duda e Lenora, morta em 1972, com o apoio do então amigo Peninha, em Florianópolis-SC. Nesta obra, os mistérios da primeira narrativa da série são o ponto de destaque do enredo, resgatando o grande lapso temporal entre a data de criação da banda e o tempo atual que é narrada.

O objeto de estudo apresenta elementos da fantasia, uma vez que explora a relação entre a morte da Lenora da Triaprima e o fantasma sobrenatural que assombra a nova Lenora, filha de fãs da banda legendária. O texto explora sentimentos ambivalentes dos personagens, sabidos pelo tom sombrio que o narrador onisciente e intruso utiliza. Conquanto possa se falar em imprecisão terminológica para definir esta ficção de Heloisa Prieto, podemos, inclusive, refletir sobre a salvação/perdição dos personagens através do poder sobrenatural da música. Sem perder de vista o estatuto da literatura juvenil, notamos essas características de uma obra fantástica, que a estruturam e supõe o jovem leitor imaginário.

---

<sup>1</sup> Dayse Rodrigues dos Santos. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará. Email: dayse.rodrigues@ifpa.edu.br



O misterioso sumiço de Ian, logo após o show que encerrou a banda Triaprima, cercou a vida dos familiares do músico, como a prima Uxa, que veio da Irlanda em busca de respostas. Em 2011, chama a atenção da imprensa o talento impressionante de um garoto chamado Cian, que mais tarde, saber-se-ia ser filho de Ian com Cristal, vocalista de uma outra banda: “Cian corria em volta da mãe cantarolando. Ele era sempre música. Como o pai. Cian, que significa ‘o antigo’, em gaélico. Cian Yates. Nomes sonoros, quase idênticos. Ian, ‘o refugiado’” (PRIETO, 2015, p. 22). As estruturas composicionais cuidadosamente elaboradas desempenham incisivo clima de suspense durante toda a narrativa, mesmo quando os fatos vão sendo revelados. O protagonista permanece em anonimato até o dia em que vai ao hotel em que Duda e a jovem Lenora de Sousandrade estão hospedados.

De volta a Florianópolis, Duda acompanha sua pupila Lenora de Sousandrade durante a viagem para fazer um show. A jovem cantora ainda está procurando respostas sobre sua possível ligação com a outra Lenora e a Triaprima, apesar do medo de toda essa instabilidade de (re)conhecer-se. O sucesso da jovem Lenora desperta a inveja do grupo Dálias, que tenta boicotar a todo custo a carreira da protagonista, marcando, inclusive, um show no mesmo espaço, data e horário: “o palco de Lenora estava ocupado apenas pela própria equipe. Ninguém o cercava. Uma fileira de cartazes contendo fotos das Dálias formava uma espécie de barreira. A praia era território delas” (PRIETO, 2015, p. 109). Temerosos que a história se repetisse, Duda e Cristal tomam providências para evitar uma tragédia.

Através dos grandes esforços para manter a identidade de Ian sob sigilo absoluto por anos, Cristal decide revelar a Duda e Lenora que Ian está vivo, deixando-os com emoções ambivalentes em relação ao possível encontro: “não se tratava de uma tarefa fácil, mas Ian contou com profissionais experientes e, lógico, com sua capacidade mágica de fazer-se invisível” (PRIETO, 2015, p. 83). Segundo Santos (2020, p. 70), “entre as razões para Ian esconder-se está o fato de que a imprensa passaria a assediá-lo de maneira avassaladora”. Não se sabe pela voz do personagem, que já sofreu reviravoltas em sua vida pessoal, se ele tinha medo de tudo o que poderia vir à tona caso todos soubessem seu paradeiro. O que se sabe é que a morte prematura da sua ex-namorada Lenora lhe causou danos psicoemocionais seríssimos. Considerando todo o contexto sociocultural de uma banda de sucesso estrondoso, vidas conturbadas e destino fatal, é possível refletir sobre questões que podem elucidar a própria concepção de juventude.

Ian aparece repentinamente para Lenora às vésperas do show, levando-a a sentir verdadeiramente a música das esferas enquanto caminhavam pelas praias florianopolitanas. O show da jovem Lenora acaba sendo um verdadeiro sucesso, em que todos os personagens participam selando um rito de passagem mais relevante da obra. É nele que Ian retorna aos palcos, causando grande impacto na mídia, que até então não sabia que ele ainda estava vivo.

O clímax é atingido quando Uxa invoca as forças da natureza instantes antes do show de Lenora de Sousandrade. O já presumível show catastrófico das Dálias foi purificado por uma chuva, julgada mágica por uma de suas integrantes: “Dedéu arrastou Mari até a boca do palco. E o que elas viram era diferente de qualquer coisa que jamais haviam imaginado” (PRIETO, 2015, p. 111), pois a chuva estava



“caindo exatamente sobre o palco das Dálías” (PRIETO, 2015, p. 112). Vê-se, assim, uma grande metáfora de que a água teria o poder ancestral de separar o bem do mal, deixando bem nítido que Lenora de Sousandrade representa a limpidez e as Dálías a sujeira amorfa que deveria ser desaguada em outro lugar. Ao final, Lenora decide continuar na carreira musical e os demais personagens centrais partem para outras aventuras.

Cabe ressaltar que a obra é recheada de intertextualidades com outras da Literatura e Música, bem como outros textos relacionados à religião, culturas, cinema, entre outros. Heloisa Prieto associou diversos elementos naturalmente, num estilo de escrita bastante convidativo aos olhos curiosos e interessados no crescimento do repertório cultural do leitor. Contudo, também é necessário dizer que, embora o tempo seja cronológico, o leitor poderá encontrar inconsistências nas idades e datas dos acontecimentos. Por exemplo, não há como saber a idade de nenhum personagem jovem/adulto, mesmo com a disposição das datas ao longo dos capítulos.

Relacionada à formação do leitor, essa obra literária atende a essa função pela forma como aborda temas fortes numa linguagem que alcança diferentes tipos de leitores. Como formativo, entendemos o processo como sendo diferente de pedagógico, ou seja, “a literatura, como na vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta” (CECCANTINI, 2000, p. 438). Uma das contribuições da arte da palavra é proporcionar a reflexão sobre temas caros à condição humana, num agradável esforço que se faz ao apreciá-la. Embora tecer considerações a respeito desses temas não seja uma tarefa fácil, por se tratar de uma imensa complexidade, recomendamos a leitura dessa obra.



## Referências

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. **Uma estética da Formação**: vinte anos de Literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). 459 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

PRIETO, Heloisa. **Ian**: a Música das esferas. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015. (Para morrer de medo).

SANTOS, Dayse Rodrigues dos. **Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas**: de mãos dadas com o jovem leitor. 84 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Catalão-GO, 2020. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10467>. Acesso 01 abr. 2020.

Recebido em: 05/11/2020  
Aprovado em: 27/11/2020